

Como citar esse texto: PASCHOALIN, Daniel; PRATSCHKE, Anja. O que você quer dizer com...? Diálogo, conversação, interpretação. **V!RUS**, São Carlos, n. 7, julho 2012. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus07/?sec=6&item=1&lang=pt>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.

O que você quer dizer com...? Diálogo, conversação, interpretação

Daniel Morais Paschoalin, Anja Pratschke

Daniel Morais Paschoalin é Arquiteto. Pesquisador do Nomads.usp - Núcleo de Estudos sobre Habitares Interativos - do Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU), da Universidade de São Paulo (USP), em São Carlos. Estuda a correlação da atividade prática de projeto em arquitetura e urbanismo e concepções de conversação em arquitetura e urbanismo.

Anja Pratschke é Arquiteta, doutora em Ciências da Computação e tem pós-doutorado em Cibernética de Segunda Ordem e Arquitetura. Professora e pesquisadora do Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU) da Universidade de São Paulo (USP), em São Carlos. É Coordenadora do Laboratório de Ensino Informatizado (LEI) e Co-coordenadora do Nomads.usp - Núcleo de Estudos sobre Habitares Interativos.

Resumo

Este artigo apresenta uma revisão da noção de diálogo ou conversação a partir de conceitos da filosofia hermenêutica, conforme expressa no pensamento do filósofo alemão Hans-Georg Gadamer. A hermenêutica trata da questão da compreensão humana como um fenômeno essencialmente interpretativo, pela projeção e revisão contínua de sentidos sob a forma circular de um processo dialógico, descrito na forma de questionamento por perguntas e respostas. Pela abertura ao diálogo é possível o desvelar de estruturas conceituais pelo reconhecimento de sentidos na opinião alheia, através do qual podemos chegar a participação em acordos sobre estes sentidos. Esta abordagem, por sua vez, promove uma perspectiva ontológica e epistemológica pós-rationista, em que as dicotomias sujeito-objeto tradicionais do pensamento cartesiano são superadas pela compreensão da relação de interdependência de sentidos interpretativos.

Palavras Chave: Diálogo, Conversação, Hermenêutica, Interpretação, Compreensão

1.Introdução

Este artigo procura contribuir para uma reflexão estendida sobre a noção de diálogo, entendida como instância fundamental no planejamento, desenvolvimento, realização e avaliação de ações socioculturais que, de acordo com a chamada para artigos deste número da revista *V!rus*¹, tenham seu propósito provocar transformações estimulando a emergência de posturas críticas e reflexivas nos seus participantes. Baseia-se em uma revisão bibliográfica com base nas atividades de pesquisa conduzidas no Núcleo de Estudos de Habitares Interativos – Nomads.USP² sobre interatividade e processos de *design*, em particular com relação a investigação de mestrado 'O Horizonte da Conversação: concepções do processo projetual arquitetônico', pelo Programa de Pós Graduação do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – IAU.USP³, campus São Carlos. Neste sentido, representa também um desenvolvimento de temas tratados em artigo anterior sobre concepções do projetar em arquitetura no contexto hodierno de cultura digital⁴. Finalmente, cabe observar que como pano de fundo desta reflexão estão as impressões pessoais do autor pela sua experiência prática junto a ações do projeto *Territórios Híbridos*⁵ do Nomads.usp, especialmente com relação à ação '*Diálogos Interculturais*'⁶ pertencente ao eixo som, realizada entre os meses de agosto e dezembro de 2011.

De uma forma geral, reconhece-se naturalmente o dialogar ou conversar como uma instância fundamental à efetivação de ações sócio-culturais, que invariavelmente dependem da coordenação das intenções, expectativas e do entendimento entre seus participantes. Para além de seu papel comunicativo e organizacional, porém, o diálogo permite o reconhecimento de similaridades e de diversidades pela descoberta do outro, permitindo tanto o compartilhamento de compreensões em comum, necessárias a todo empreendimento coletivo, quanto a percepção de divergências de opinião a serem discutidas em prol do interesse comum. Em ambos os casos, a interação dialógica é capaz de transformar seus interlocutores pela revisão de suas compreensões face o encontro com o outro. Neste contexto observamos a colocação do filósofo alemão Hans-Georg Gadamer (1900-2002) sobre a concepção de diálogo:

O que é um diálogo? De certo que com isso pensamos num processo entre pessoas, que apesar de toda sua amplitude e infinitude potencial possui uma unidade própria e um âmbito fechado. Um diálogo é, para nós, aquilo que deixou uma marca. O que perfaz um verdadeiro diálogo não é termos experimentado algo novamente, mas termos encontrado no outro algo que ainda não havíamos encontrado em nossa própria experiência de mundo. Aquilo que movia os filósofos a criticar o pensamento monológico é o mesmo que experimenta o indivíduo em si mesmo. O diálogo possui uma força transformadora. Onde um diálogo teve êxito ficou algo para nós que nos transformou. O diálogo possui, assim,

¹ Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus07>>.

² Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/site/>>.

³ Disponível em: <<http://www.iau.usp.br/>>.

⁴ Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus06/?sec=6&item=1&lang=pt>>.

⁵ Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/territorios.hibridos/>>.

⁶ Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/territorios.hibridos/acoes/som/dialogos_interculturais>.

uma grande proximidade com a amizade. É só no diálogo (e no 'rir juntos', que funciona como um entendimento tácito transbordante) que os amigos podem encontrar-se e construir aquela espécie de comunhão onde cada qual continua sendo o mesmo para o outro porque ambos encontram o outro e encontram a si mesmos no outro (GADAMER, 2002 [1976], p. 247).

Por outro lado, também é de comum aferição que a ausência de diálogo é um fator atrelado a toda a sorte de conflitos, desentendimentos e 'más-interpretações', a medida que ações experienciadas coletivamente estão sujeitas à interpretação entre seus agentes, que conformam as compreensões pelas quais as tomadas de decisões e ações projetuais são conduzidas, provocando consequências novamente interpretadas como benefícios ou malefícios entre os afetados. Este processo torna-se mais complexo pela emergência natural de ambiguidade de sentidos, pois considerando a diferença entre valores e interesses sociopolíticos, a satisfação de determinado grupo de indivíduos pode aborrecer o outro, e vice e versa, não sendo possível na esfera das relações sociais e políticas, a priori, distinguir qual grupo está certo e deveria ter seus fins atendidos (RITTEL; WEBBER, 1973). Em vista da escassez de consensos absolutos ou verdades indiscutíveis, é possível, por outro lado, tomar interpretações como adequadas ou inadequadas frente determinado contexto ou situação, levando a acordos capazes de superar o estado de desorganização inevitável ao qual a discórdia implica. Nesta perspectiva evidencia-se a importância da construção de um repertório conceitual em auxílio ao metaentendimento ou entendimento de segunda ordem, sobre os processos interpretativos e da própria compreensão à qual estes resultam. De acordo com esta premissa apresentamos a seguir uma breve introdução à filosofia hermenêutica⁷, enfatizando-se alguns conceitos de seu pensamento teórico pela leitura de autores contemplados em nossas atividades de pesquisa⁸.

2. Hermenêutica filosófica revisitada

Segundo Snodgrass e Coyne (2006, p. 8) a questão da interpretação recebeu um tratamento sistemático na obra do teologista e filologista alemão Friedrich Schleiermacher (1768-1834), que na formulação de sua '*Hermenêutica Geral*' em 1810, caracterizou o objetivo da hermenêutica desvendar os processos da compreensão de textos e obras literárias afins. Nesta

⁷ Segundo breve panorama do doutor e pesquisador norte-americano Robert Sokolowski: "A hermenêutica começou como um movimento especificamente alemão, com Friedrich Schleiermacher (1768-1834) e especialmente Wilhelm Dilthey (1833-1911) que foi contemporâneo de Edmund Husserl. A hermenêutica ressaltou originalmente as estruturas de ler e interpretar textos do passado e apresentou seu trabalho como uma filosofia da interpretação bíblica e literária e de pesquisa histórica. Heidegger expandiu a compreensão de hermenêutica do estudo de textos e documentos para a autointerpretação da existência humana como tal. A pessoa primariamente associada à hermenêutica é, naturalmente, Has-Georg Gadamer, que não foi só um estudioso de Heidegger, mas também outro intérprete de Platão, Aristóteles e textos poéticos. [...] Gadamer foi influenciado por Heidegger, sob cuja orientação estudou em Marburgo, mas menos influenciado por Husserl, com quem também estudou em Friburgo" (SOKOLOWSKI, 2010 [2000], p. 235-236).

⁸ Conforme apresentado anteriormente, sobre nossa investigação de mestrado em arquitetura e urbanismo. Neste contexto, esta introdução apóia-se na referencição dos pesquisadores Adrian Snodgrass e Richard Coyne (2006) sobre a hermenêutica em sua obra '*Interpretation in architecture: Design as a way of thinking*', 2006; e na visão de concepções da fenomenologia Heideggeriana dos pesquisadores Terry Winograd e Fernando Flores em sua obra '*Understanding Computers and Cognition: a New Foundation for Design*', 1990.

versão da hermenêutica, Schleiermacher postulou em favor da analogia de que a interpretação seria uma reconstrução, no sentido de que só poder-se-ia compreender determinada obra literária desde que fossem reconstruídas todas as suas relações de acordo com seu contexto originário, o que implica na determinação uma certa orientação ou posicionamento, de modo que "[...] interpretar algo é posicioná-lo dentro de um conjunto de relações" (SNODGRASS; COYNE, 2006, p. 8, tradução nossa⁹). A consideração em especial da relação entre as partes e o todo de algo a ser compreendido diz respeito a uma observação sobre a circularidade dos processos de interpretação central à hermenêutica do filósofo alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911), que sucedeu Schleiermacher no desenvolvimento do pensamento hermenêutico e providenciou uma base teórica na qual os filósofos alemães Martin Heidegger (1889-1976) e Hans-Georg Gadamer (1900-2002) elaboraram suas teorias da interpretação (SNODGRASS; COYNE, 2006, p. 13). Para a teoria hermenêutica conforme expressa na obra de Gadamer (1997 [1975]; 2002 [1976]), a compreensão é um processo dinâmico que se realiza pela formulação do 'círculo hermenêutico' da interpretação, cuja concepção axiomática remeteria originalmente à antiga retórica grega¹⁰:

A regra hermenêutica, segundo a qual devemos compreender o todo a partir do singular e o singular a partir do todo, provém da retórica antiga e foi transferida, pela hermenêutica moderna, da arte de falar para a arte de compreender. Em ambos os casos, estamos às voltas com uma relação circular prévia. A antecipação de sentido, que comporta o todo, ganha uma compreensão explícita através do fato de as partes, determinadas pelo todo, determinarem por seu lado esse mesmo todo (GADAMER, 2002 [1976], p. 72).

De acordo com este enunciado, Snodgrass e Coyne (2006 [1997], p. 36) observaram a sugestão de um possível paradoxo lógico a respeito do fenômeno da circularidade hermenêutica, pois se necessita-se de uma compreensão geral para a compreensão das partes e por sua vez a compreensão geral depende da compreensão das mesmas partes, na prática o processo em si não poderia ser iniciado. A resposta a esta questão, segundo os autores, depende de dois entendimentos essenciais sobre o funcionamento do círculo hermenêutico: 1., que os processos interpretativos são situados em nossa experiência de vida e não podem ser desconsiderados de um sentido existencial contextualizado a partir do qual, 2.; projetamos sentidos em nossas expectativas sobre as coisas, ou seja, "[...] a interpretação traz consigo uma antecipação, ainda que vaga e informal, do sentido do todo, e a luz desta antecipação ilumina de forma retroativa as partes" (SNODGRASS; COYNE, 2006 [1997], p. 37, tradução nossa¹¹). Em outras palavras, para entendermos de fato a formulação hermenêutica devemos

⁹ **Do original em inglês:** "To interpret something is to position it within a set of relationships".

¹⁰ Gadamer traça as origens da regra das partes e do todo com relação à retórica clássica, porém sublinha a distinção própria da hermenêutica: "Toda a história do pensamento confirma essa antiga proximidade entre a retórica e a hermenêutica. No entanto, a hermenêutica contém sempre um elemento que ultrapassa a mera retórica: inclui sempre um encontro com as opiniões do outro, que vem, por sua vez, à fala. [...] Por isso a hermenêutica é filosofia porque não pode ser restrita a uma teoria da arte, que 'apenas' compreende as opiniões do outro. A hermenêutica implica, antes, que toda compreensão de algo ou de um outro vem precedida de uma autocrítica. Aquele que compreende não postula uma posição superior. Confessa, antes, a necessidade de colocar à prova a verdade que supõe própria" (GADAMER, 2002 [1976], p. 140-141).

¹¹ **Do original em inglês:** "Interpretation brings with it an anticipation, albeit vague and informal, of the meaning of the whole; and the light of this anticipation plays back to illuminate the parts."

apreender um sentido de 'projetar' que é essencial a este processo, ou seja, projeta-se um significado do todo e esta projeção preliminar é continuamente revisada:

A projeção, primeiramente incerta e só existente em linhas gerais, volta-se para a interpretação das partes, exigindo a sua revisão, mesmo que o significado que se projetou seja continuamente revisto à luz da interpretação e crescente compreensão das partes (SNODGRASS; COYNE, 2006 [1997], p. 37, tradução nossa¹²).

Assim, como resultado deste processo de acomodação reflexiva, a compreensão do todo emerge gradualmente. Essencial à hermenêutica moderna, este 'projetar' representa uma noção que remete-se ao pensamento ontológico heideggeriano: "[...] Não só jogamos para frente nossas pré-compreensões em cada ato de interpretação, diz Heidegger, mas os pré-entendimentos em si são 'jogados' em nossa situação presente a partir da experiência passada" (SNODGRASS; COYNE, 2006 [1997], p. 39, tradução nossa¹³).

Com base neste entendimento, os autores afirmam não ser possível conceber a existência humana como algo 'objetivo', à medida que somos "[...] lançados no meio de uma rede de entendimentos de práticas, instituições, convenções, objetivos, instrumentos, expectativas e uma infinidade de outros fatores que fazem de nós o que somos" (SNODGRASS; COYNE, 2006 [1997], p. 39, tradução nossa)¹⁴. A este respeito, cabe citar o próprio Heidegger, ao sublinhar a necessidade de atenção sobre os pré-entendimentos que são vinculados naturalmente ao processo de interpretação pelo círculo hermenêutico:

O círculo não deve ser rebaixado a um *vitiosum*, mesmo que apenas tolerado. Nele se esconde a possibilidade positiva do conhecimento mais originário que, de certo modo, só pode ser apreendida de modo autêntico se a interpretação tiver compreendido que sua primeira, única e última tarefa é de não se deixar guiar, na posição prévia, visão prévia e concepção prévia, por conceitos ingênuos e 'chutes'. Ela deve, na elaboração da posição prévia, da visão prévia e da concepção prévia, assegurar o tema científico a partir das coisas elas mesmas (HEIDEGGER, 1989 [1927], p. 201).

Afirma-se nesta passagem a necessidade de uma concretização da consciência dos conceitos que conformam a compreensão prévia de algo, de maneira a evitar a obstrução de sentidos legítimos da compreensão pelas opiniões prévias: Gadamer (2002 [1976]) referiu-se a estes pré-entendimentos atrelados a um 'sentido histórico' como 'preconceitos' (pré-conceitos) ou mesmo 'prejuízos' (pré-juízos, juízos prévios), inerentes aos processos interpretativos e portanto, despidos de conotações negativas ou perjurativas. Segundo o filósofo, todo preconceito ou prejuízo a princípio pode permitir ou negar a interpretação de algo,

¹² **Do original em inglês:** "The projection, at first unclear and only existing in outline, plays back into the interpretation of the parts, requiring their revision even as the projected meaning itself is continually revised in the light of the interpretation and increasing understanding of the parts". Em outras palavras, segundo a descrição de Gadamer sobre a interpretação textual: "[...] quem quiser compreender um texto deverá sempre realizar um projeto. Ele projeta de antemão um sentido do todo, tão logo se mostre um primeiro sentido no texto. Esse primeiro sentido somente se mostra porque lemos o texto já sempre com certas expectativas, na perspectiva de um determinado sentido. A compreensão daquilo que está no texto consiste na elaboração desse projeto prévio, que sofre uma constante revisão à medida que aprofunda e amplia o sentido do texto" GADAMER (1976 [2002], p. 75).

¹³ **Do original em inglês:** "Not only do we throw forward our pre-understandings in every act of interpretation, says Heidegger, but the pre-understandings themselves have been 'thrown' into our present situation from past experience".

¹⁴ **Do original em inglês:** "[...] thrown into the midst of a network of understandings of practices, institutions, conventions, aims, tools, expectations and a multitude of other factors that make us what we are".

caracterizando um processo interpretativo complexo em que cada revisão da projeção prévia de um pré-juízo pode lançar uma outra projeção de sentido, de modo que projeções conflitantes ou concorrentes posicionam-se lado a lado na elaboração de uma interpretação até que se confirme de modo mais inequívoco um sentido, e assim, conceitos prévios são substituídos depois por conceitos mais adequados (GADAMER, 2002 [1976], p. 75). Com base nesta premissa, Gadamer ressaltou assim como Heidegger (1989 [1927], p. 201) a necessidade de questionar-se a adequação deste projetar, cuidando para que o mesmo possa se confirmar ou não no objeto de interpretação:

Em suma, esse constante projetar de novo é o que perfaz o movimento semântico de compreender e de interpretar. Quem procura compreender está sujeito a errar por causa das opiniões prévias, que não se confirmam nas coisas elas mesmas. Dessa forma, a constante tarefa do compreender consiste em elaborar projetos corretos, adequados às coisas, isto é, ousar hipóteses que só devem ser confirmadas 'nas coisas elas mesmas' (GADAMER, 2002 [1976], p. 75).

Esta colocação indica a necessidade da adoção de um 'proceder' frente à interpretação visando a superação de pré-direcionamentos recorrentes em nossas opiniões capazes de desabilitar os sentidos próprios e originais, legítimos da 'coisa em si', a qual se interpreta, ou seja, o desenvolvimento de uma maneira de acessar a validação ou adequação das interpretações (GADAMER, 2002 [1976]). Diante desta afirmação sobre a natureza hermenêutica da compreensão e da necessidade de validação das interpretações, conforme observou Gadamer, é pressuposto que o intérprete seja capaz de questionar seus pré-entendimentos, interrogar-se, à luz das situações e do horizonte¹⁵ a que ela implica, modificando sua compreensão através de uma relação dialética: "[...] saber quer dizer sempre entrar ao mesmo tempo no contrário. Nisso consiste sua superioridade frente ao deixar-se levar pela opinião, que sabe pensar possibilidades como possibilidades. O saber é fundamentalmente dialético" (GADAMER, 1997 [1975], p. 538). É desta forma que nos aproximamos da compreensão da relevância do diálogo como meio de reflexão sobre conhecimentos e entendimentos produzidos por nossas experiências compartilhadas socialmente, e em especial da concepção de conversação como uma troca dialógica legítima, considerando o sentido de transformação mútua entre seus envolvidos.

3. A forma conversativa na hermenêutica da compreensão

Em sua obra 'Verdade e Método', Gadamer recorreu à dialética para elucidar a natureza do evento hermenêutico, distinguindo o diálogo como detentor de uma 'primazia especial' na busca da verdade, a medida que o encontro e troca de experiência entre indivíduos corresponde ao desvelar de visões ou imagens de mundo distintas, pelo qual é possível

¹⁵ Para Gadamer (1997 [1975], p. 452): "Nós determinamos o conceito da situação justamente pelo fato de que representa uma posição que limita as possibilidades de ver. Ao conceito da situação pertence essencialmente, então, o conceito do horizonte. Horizonte é o âmbito de visão que abarca e encerra tudo o que é visível a partir de um determinado ponto".

compreender: “[...] é tarefa da hermenêutica esclarecer o milagre da compreensão, que não é uma comunicação misteriosa entre as almas, mas participação num sentido comum” (GADAMER, 2002 [1976], p. 73). É neste ‘pôr-se em acordo’ com relação a um sentido comum que Gadamer aponta o diálogo ou sua versão especial, referida como ‘conversação’, como uma das formas características do evento hermenêutico:

[...] A conversação é um processo pelo qual se procura chegar a um acordo. Faz parte de toda verdadeira conversação o atender realmente ao outro, deixar valer os seus pontos de vista e pôr-se em seu lugar, e talvez não no sentido de que se queira entendê-lo como esta individualidade, mas sim no de que se procura entender o que ele diz. O que importa que se acolha é o direito de sua opinião, pautado na coisa, através da qual podemos chegar a nos por de acordo com relação à coisa (GADAMER, 1997 [1975], p. 561).

Afirma-se aqui como conversação um diálogo genuíno no qual indivíduos são imersos em discussão, ambos interessados em ampliar suas compreensões de um determinado assunto, assim como o é na dialética socrática¹⁶ através de um processo de transformação da opinião de seus participantes, pelo qual chega-se a um acordo sobre determinados sentidos, de modo que “ [...] o objetivo de todo entendimento e compreensão é o acordo quanto à coisa. Dessa forma, a hermenêutica teve, desde sempre, a tarefa de suprir a falta de acordo ou de restabelecer o acordo, quando perturbado” (GADAMER, 2002 [1976], p. 73). Este acordo implica na ‘revelação’ de um entendimento para além das intenções iniciais individuais¹⁷, e, portanto, a conversação assume uma dinâmica própria, com seus próprios direcionamentos e desdobramentos, de forma a dificultar ou mesmo impedir seu controle ou condução por parte de seus envolvidos:

[...] Costumamos dizer que ‘levamos’ uma conversação, mas a verdade é que, quanto mais autêntica é a conversação, menos possibilidade têm os interlocutores de ‘levá-la’ na direção que desejariam. De fato, a conversação autêntica não é nunca aquela que teríamos querido levar. Antes, em geral, seria até mais correto dizer que chegamos a uma conversação, quando não nos enredamos nela. Como uma palavra puxa a outra, como a conversação dá voltas para cá e para lá, encontra seu curso e seu desenlace, tudo isso pode ter talvez alguma espécie de direção, mas nela os dialogantes são menos os que dirigem do que os que são dirigidos. O que ‘sairá’ de uma conversação ninguém pode saber por antecipação. O acordo ou o seu fracasso é como um acontecimento que tem lugar em nós mesmos. Por isso, podemos dizer que algo foi uma boa conversação, ou que os astros nos foram favoráveis. São formas de expressar que a conversação tem seu próprio espírito e que a linguagem que nela discorre leva consigo sua própria

¹⁶ Segundo a observação de Gadamer (1997 [1975], p. 542): “A produtividade maiêutica do diálogo socrático, sua arte de parturiente da palavra orienta-se, obviamente, às pessoas humanas que constituem os companheiros de diálogo, porém limita-se a manter-se nas opiniões que estes exteriorizam e cuja consequência imanente e objetiva desenvolve-se no diálogo. O que vem à tona, na sua verdade, é o logos, que não é nem meu nem teu, e que por isso sobrepuja tão amplamente a opinião subjetiva dos companheiros de diálogo, que inclusive aquele que o conduz permanece sempre como aquele que não sabe. A dialética, como arte de conduzir uma conversação, é ao mesmo tempo a arte de olhar juntos na unidade de uma perspectiva [...] isto é, a arte da formação de conceitos como elaboração da intenção comum.”

¹⁷ Neste sentido afirmam Snodgrass e Coyne: “[...] As condições são favoráveis quando o intérprete é entregue ao diálogo, como acontece quando estamos absortos em uma conversa estimulante. Nesta situação eu não escolho minhas palavras com cuidado, eu não planejo o que vou dizer, mas falo espontaneamente. Eu ouço as minhas próprias palavras, como eu proferi-las e, ao mesmo tempo como meu ouvinte ouve, e elas podem ser tão reveladoras para mim como elas são para o outro. A conversa transcende a separação entre sujeito e objeto. Eu interpreto as perguntas do outro e objeções de maneiras de um modo distinto da intencionalidade do outro, quando proferidas. A conversa tem uma vida própria, levando os envolvidos em áreas que são novas para eles, e indo além de suas intenções iniciais e interesses” (SNODGRASS; COYNE, 2006 [1997], p. 44, tradução nossa).

verdade, isto é, 'revela' ou deixa aparecer algo que desde este momento é (GADAMER, 1997 [1975], p. 559).

É esta caracterização da conversação como processo dialético que a distingue fundamentalmente da retórica clássica enquanto arte do discurso, em que existe uma intenção subjacente de convencimento ou imposição das ideias próprias através da argumentação:

[...] A arte da dialética não é a arte de ganhar de todo mundo na argumentação. Pelo contrário, é perfeitamente possível que aquele que é perito na arte dialética, isto é, na arte de perguntar e buscar a verdade, apareça aos olhos de seus ouvintes como o menos indicado a argumentar (GADAMER, 1997 [1975], p. 540).

Assim, a própria conversação depende da abertura ao questionamento, isto é, manter-se como uma investigação, uma experimentação pela dinâmica do perguntar/responder, em que posiciona-se de maneira preliminar através da pergunta uma determinada projeção (ou seja, a pergunta vincula um pré-conceito) mas deixa-se em aberto a resposta, proporcionando o novo, ou seja, "[...] Quando se pergunta, deixam-se abertas as possibilidades de sentido, de maneira que aquilo que tenha sentido possa ser introduzido na própria opinião" (GADAMER, 1997 [1975], p. 552). Deste modo reconhece-se algo afirmado não como sendo verdadeiro ou falso, mas simplesmente como algo com sentido, de maneira que a possibilidade de verdade fique em suspenso: "[...] esse pôr em suspenso é a verdadeira essência original do perguntar. Perguntar permite sempre ver as possibilidades que ficam em suspenso" (GADAMER, 1997 [1975], p. 551). Gadamer observou assim que esta qualidade de 'por em suspensão' do perguntar que permite a revelação de novos sentidos sobre algo que se queira compreender, através da estrutura dialética de pergunta e resposta que se realiza nas verdadeiras conversações:

[...] acaba-se reconhecendo que para todo conhecimento e discurso, em que se queira conhecer o conteúdo das coisas, a pergunta toma a dianteira. Uma conversação que queira chegar a explicar alguma coisa precisa romper essa coisa através de uma pergunta. Esta é a razão pela qual a dialética realiza nos moldes de perguntas e respostas, ou melhor, que todo saber passa pela pergunta. Perguntar quer dizer colocar no aberto. A abertura do perguntado consiste em que não está fixada a resposta. [...] o sentido de perguntar consiste em colocar em aberto o perguntado em sua questionabilidade. Ele tem que ser colocado em suspenso de maneira que se equilibrem o pró e o contra. O sentido de qualquer pergunta só se realiza na passagem por essa suspensão, na qual se converte em uma pergunta aberta. (GADAMER, 1997 [1975], p. 535).

Cabe também observar que a dialética dos processos de compreensão apresenta-se como uma experimentação pela estrutura de questionamento, porém de modo distinto da experimentação metodológica científica: "[...] no método o investigador controla e manipula, na dialética, o assunto da discussão coloca questões a que o investigador responde. O assunto interroga o investigador. O processo dialético é introduzido de modo que o assunto pode

revelar-se” (SNODGRASS; COYNE, 2006 [1997], p. 42, tradução nossa)¹⁸. Afirmar-se que a experiência tem a sua realização dialética não no conhecer, mas na própria abertura para a experiência, que é em si mesmo um estar em ‘livre jogo’ com a experiência (SNODGRASS; COYNE, 2006 [1997], p. 42). É neste entendimento em que Gadamer reclamou a primazia da investigação dialética sobre o método científico junto à questão da busca da verdade, situando a ciência no contexto hermenêutico da condição humana:

No conjunto da nossa investigação evidencia-se que, para garantir a verdade, não basta o gênero de certeza, que o uso dos métodos científicos proporciona. Isso vale especialmente para as ciências do espírito, mas não significa, de modo algum, uma diminuição de sua cientificidade, mas antes, a legitimação da pretensão de um significado humano especial, que elas vêm reivindicando desde antigamente. O fato de que, em seu conhecimento, opere também o ser próprio daquele que conhece, designa certamente o limite do ‘método’, mas não o da ciência. O que a ferramenta do método não alcança tem de ser conseguido e pode realmente sê-lo através de uma disciplina do perguntar e do investigar, que garante a verdade (GADAMER, 1997 [1975], p. 709).

É importante recordar que esta colocação fundamenta-se na concepção de que o evento hermenêutico da compreensão e interpretação é inerente ao Ser e portanto constitui a base para toda a racionalidade e desenvolvimento científico (SNODGRASS; COYNE 2006 [1996], p. 44). Desta forma, também não pode ser tomado como uma metodologia em si, pois já faz-se presente em toda aplicação metodológica, muito embora sua tematização comumente leve a questionamentos sobre objetividade e subjetividade, razão e intuição, de acordo com uma estrutura de pensamento que remete à racionalidade cartesiana. Na parte final desta reflexão, expandimos o horizonte desta revisão sobre o pensamento hermenêutico esboçando uma leitura mais geral de suas implicações de ordens ontológicas e epistemológicas, dirigidas ao contexto da vivência e experimentação pela participação em ações socioculturais.

4. Considerações Finais

Nestas considerações finais cabe evidenciar que o pensamento hermenêutico moderno representa uma perspectiva de nítida ruptura com relação à ontologia e epistemologia da tradição racional cartesiana (COYNE; SNODGRASS, 1995). Em um sentido mais amplo, a hermenêutica pode ser entendida como a continuidade de uma movimentação filosófica pós-racionalista emergente no século XX que distancia-se do regime de questionamentos coerentes com a racionalidade cartesiana como as dicotomias conceituais de subjetivo-objetivo, mente-corpo, etc., em favorecimento da dimensão relacional, e interdependente entre o Ser e o conhecimento das coisas que compõem o todo considerado a realidade:

Uma ontologia pós-racionalista é um retorno à primazia da experiência. A fenomenologia de Husserl defende um retorno à forma como as coisas aparecem. Heidegger modifica e desenvolve este tema, começando com um apelo à experiência primária (primordial) do envolvimento irrefletido em um mundo em que não há sujeito ou objeto. Com Heidegger,

¹⁸ **Do original em Inglês:** “In method the inquirer controls and manipulates; in dialectic the subject matter of the discussion poses questions to which the inquirer responds. The subject matter interrogates the inquirer. The dialectical process is entered into so that the subject matter can reveal itself”.

mesmo o conceito de estar 'em' (como em 'no mundo') é transitório, derivado, contextual e até mesmo cultural. Outros entendimentos do ser, como aquele em que podemos distinguir um sujeito separado de um 'mundo objetivo', são construídos sobre esta experiência (SNODGRASS; COYNE, 1995, p. 45, tradução nossa¹⁹).

Segundo observaram Terry Winograd e Fernando Flores (1990, p. 30), o pensamento de Heidegger contrapõe-se fundamentalmente ao dualismo mente-corpo vinculado à tradição filosófica ocidental, expresso na assunção da existência de dois domínios fenomenológicos distintos, um mundo objetivo real e físico e o mundo subjetivo mental composto dos pensamentos e sentimentos do indivíduo. Os autores cuidaram em ressaltar que Heidegger rejeitou a concepção de uma independência entre instâncias objetiva e subjetiva afirmando a impossibilidade de uma existir sem a outra, e exaltou a relevância da interpretação: "[...] existência é interpretação e interpretação é existência. Pré-juízo não é uma condição em que o sujeito é levado a interpretar o mundo falsamente, mas é a condição necessária de ter um contexto *para interpretação (portanto Ser)*.²⁰" (WINOGRAD; FLORES, 1990, p.31-32 tradução nossa). Desta forma, nossas interpretações, adequadas ou não, baseiam-se em interpretações que da mesma forma apelam a outras interpretações em uma regressão incessante, de forma que "[...] essa falta de certeza final e absoluta é o predicamento epistemológico inescapável que é construído sobre a condição humana. É uma condição da nossa própria finitude" (SNODGRASS; COYNE, 2006 [1997], p. 40, tradução nossa)²¹. Esta abordagem da compreensão, entendida como um processo de acomodação de significados em um sentido histórico, portanto, contrapõe-se fundamentalmente à dicotomia sujeito-objeto pressuposta no pensamento cartesiano, subjacente à validação de hipóteses por estruturas lógico-rationais, como as tradicionalmente empregadas no pensamento científico. Afirmar a não-primordialidade da separação entre sujeito-objeto implica, da mesma forma, desafiar a tradição epistemológica cartesiana da independência da razão e da possibilidade de se chegar à verdade através do pensamento livre de pré-juízos e do conhecimento objetivo (COYNE; SNODGRASS, 1995, p. 44). Este é o contexto em que se expressa o pensamento hermenêutico de Gadamer (1997 [1975]; 2002 [1976]):

A visão cartesiana do conhecimento objetivo é abandonada por escritores como Gadamer. Ao apelar para a experiência comum de como surge a compreensão, Gadamer estabelece a impossibilidade de uma 'mente sem prejuízos', desabilitando assim o pensamento iluminista e seu 'preconceito contra o preconceito'. Conhecimento não procede a partir de proposições lógicas derivadas através de longas cadeias de raciocínio, nem depende de proposições fundacionais. Gadamer explica a compreensão com a metáfora do círculo

¹⁹ **Do original em inglês:** "A post-rationalist ontology is a return to the primacy of experience. The phenomenology of Husserl advocates a return to the way things appear. Heidegger modifies and develops this theme, beginning with an appeal to the primacy (primordial) experience of unreflective involvement in a world in which there is no subject or object. With Heidegger, even the concept of being 'in' (as in 'in the world') is transient, derived, contextual and even cultural. Other understandings of being, such as that in which we distinguish a subject separated from an 'objective world', are built upon this experience".

²⁰ **Do original em inglês:** "existence is interpretation and interpretation is existence. Prejudice is not a condition in which the subject is led to interpret the world falsely, but is the necessary condition of having a background for interpretation (hence Being)."

²¹ **Do original em inglês:** "this lack of final and absolute certainty is the inescapable epistemological predicament that is built into the human condition. It is a condition of our own finitude".

hermenêutico, que implica o sujeito e o objeto em um jogo de interpretação (hermenêutica) que não favorece um sobre o outro e, de fato, 'funde' sujeito e objeto (SNODGRASS; COYNE, 1995, p. 46, tradução nossa²²).

Como observaram Coyne e Snodgrass (1995, p.46), uma epistemologia pós-racionalista apresenta ceticismo sobre esquemas de legitimação do conhecimento, reconhecendo a inconsistência da compreensão, de modo que paradoxos lógicos providenciam evidências da fragilidade da relação entre lógica e raciocínio e que os princípios do racionalismo assim vistos conduzem a um desnorteamento: "[...] Não podemos mais agir como se o conhecimento crescesse em incrementos. O conhecimento muda. A compreensão acontece através do diálogo" (COYNE; SNODGRASS, 1995, p. 46, tradução nossa²³). Winograd e Flores complementam este entendimento pela afirmação de que o "[...] conhecimento é sempre o resultado de interpretação, que depende de toda a experiência prévia do intérprete, e de sua contextualização em uma tradição. Não é nem 'subjetivo' (particular do indivíduo) nem 'objetivo' (independente do indivíduo)" (WINOGRAD; FLORES, 1990, p. 74-75, tradução nossa²⁴). Destaca-se nessa leitura epistemológica a dimensão social e relacional do fenômeno do conhecer e compreender:

A chave para muito do que nós temos dito [...] está em reconhecer a importância fundamental da mudança a partir de uma concepção de compreensão centrada no indivíduo para uma socialmente baseada. Conhecimento e compreensão (em ambos os sentidos cognitivo e linguístico) não resultam de operações formais em representações mentais de um mundo que existe objetivamente. Ao contrário, eles surgem pela participação empenhada do indivíduo em padrões de comportamento mutuamente orientados de comportamento que são incorporados em um fundo comum socialmente compartilhado de concernimento, ações e crenças (WINOGRAD; FLORES, 1990, p. 78, tradução nossa²⁵).

Com base nestas premissas teóricas, é possível a realização de algumas ponderações em termos da promoção de ações sócio-culturais por grupos de pesquisa acadêmica, como o caso do projeto *Território Híbridos* do Nomads.USP. Nos diversos momentos (planejamento, realização, avaliação, etc.,) pertinentes à concretização de tais iniciativas como experiências de pesquisa, deve-se atentar para o modo como a compreensão de seus participantes (e as estruturas de preconceitos, intenções e expectativas atreladas a esta) são determinantes no

²² **Do original em inglês:** "The Cartesian view of objective knowledge is abandoned by writers such as Gadamer. In appealing to the common experience of how understanding arises, Gadamer establishes the impossibility of an 'unprejudiced mind', thereby disabling Enlightenment thought and its 'prejudice against prejudice'. Knowledge does not proceed as of logical propositions derived through long chains of reasoning, nor does it depend on foundational propositions. Gadamer explains understanding with the hermeneutical circle metaphor, which implicates the subject and the object in a game of interpretation (hermeneutics) that does not favor one over the other and in fact, 'fuses' subject and object".

²³ **Do original em inglês:** "No longer can we behave as if knowledge grows in increments. Knowledge changes. Understanding comes about through dialogue".

²⁴ **Do original em inglês:** "Knowledge is always the result of interpretation, which depends on the entire previous experience of the interpreter and on situatedness in a tradition. It is neither 'subjective' (particular to the individual) nor 'objective' (independent of the individual)".

²⁵ **Do original em inglês:** "The key to much of what we have been saying [...] lies in recognizing the fundamental importance of the shift from an individual-centered conception of understanding to one that is socially based. Knowledge and understanding (in both the cognitive and linguistic senses) do not result from formal operations on mental representations of an objectively existing world. Rather, they arise from the individual's committed participation in mutually oriented patterns of behavior that are embedded in a socially shared background of concerns, actions, and beliefs".

delineamento das próprias ações em si e portanto deveriam ser encaradas mais como processos de 'projeto' (no sentido do 'projetar' apresentado anteriormente, e que encontra uma correspondência na atividade da produção arquitetônica) do que efetivamente pela forma do experimento científico tradicional. Neste processo, pesquisadores, parceiros e público em geral, ou seja, todos os envolvidos direta ou indiretamente às ações tem a possibilidade de realmente participam de sua conjuntura, e desde que haja a efetivação de trocas dialógicas, dá-se origem a um resultado de *design* potencialmente diferente, novo e próprio. A imposição de preconceções, intenções e expectativas particulares de determinadas instâncias decisórias sobre outras, transgredindo os acordos ou ignorando os diálogos necessários tendem, em contrapartida, a gerar resultados previsíveis e/ou esvaziados de sentido, formas rígidas, desajustadas ou inadequadas a seu contexto²⁶. Neste sentido, medidas em prol da efetivação de um processo verdadeiramente dialógico de experimentação poderiam incluir o esclarecimento e transparência no registro e sistematização dos acordos e competências entre pesquisadores e parceiros, além do acompanhamento de que medida estes acordos são levados a diante e como efetivam-se em ações, e se não o são, quais suas causas ou fatores determinantes, e suas implicações para o desenvolvimento da ação em si. Como afirmado por Gadamer (2002 [1976], p. 247) o diálogo carrega a possibilidade do autoconhecimento pelo outro, pelo reconhecimento de distinções e similitudes, e portanto não se trata de 'seguir a risca' planejamentos ou propósitos pré-concebidos, ou imposição retórica da vontade pelo discurso, mas a abertura a participação em sentidos comuns, a revelação de compreensões cujo compartilhamento permite a mudança e a transformação, o pôr-se em relação, a integração e expansão de horizontes²⁷. Na disposição ao diálogo pode-se encontrar assim mais coerência do que inicialmente se pôde supor.

Referências

COYNE, R.; SNODGRASS, A. problem setting with prevalent metaphors of design. **Design Issues**, Massachusetts, MIT Press, v.11, n.2, p. 31-61, 1995.

GADAMER, H. G. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997. 1a ed. 1975.

GADAMER, H. G. **Verdade e método II**: complementos e índice. Tradução de Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002. 1a ed. 1976.

HEIDEGGER, M. **O ser e o tempo**. Petrópolis: Vozes, 1989. 1a ed. 1927.

RITTEL, H.; WEBBER, M. Dilemmas in a general theory of planning. **Policy Sciences**, Elsevier Scientific Publishing Company Inc., v.4, n.2, p. 155-169, 1973.

²⁶ No entendimento particular do presente autor, este é o caso de práticas socioculturais subsidiadas por interesses seletos (seja em hierarquias de poder ou de controle, como do poder público, e/ou interesses privados sobrepujantes) que podem ser lidas como meras imagens estetizantes ou mesmo 'objetos' de consumo.

²⁷ De acordo com a nota 17.

SNODGRASS, A.; COYNE, R. Is design hermeneutical? In: **Interpretation in architecture**: Design as a way of thinking. Londres: Routledge, 2006. 1a ed. 1997.

SNODGRASS, A.; COYNE, R. **Interpretation in architecture**: Design as a way of thinking. Londres: Routledge, 2006.

SOKOLOWSKI, R. **Introdução à fenomenologia**: uma declaração inicial do que é a fenomenologia. Tradução de Alfredo de O. Moraes. São Paulo: Ed. Loyola, 2010 [2000].

WINOGRAD, T.; FLORES, F. **Understanding computers and cognition**: a New Foundation for Design. Norwood: Ablex, 1990.